

ESTUDO DA AGRESSIVIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: FATORES E COMPORTAMENTOS DESENCADEADORES

Adrielly Gomes Teixeira ¹

Jacer Roberto do Prado ²

RESUMO

A agressividade no que tange o comportamento infantil é uma constante que tem preocupado pais e profissionais da educação que atuam no ensino fundamental. Empurrões, chutes e agressões físicas ou verbais (gritar, xingar falar alto são observados como crescentes, a cada dia, na realidade das crianças. Inúmeros são os fatores que conduzem a tais atos e, graças a tais inúmeras teorias têm surgido acerca deles, uma vez que esta é uma forma comportamental humana e, tal qual, nasce de fatores comuns que podem – e devem – ser considerados e analisados a fim de que possa se explicar o surgimento deles. O mesmo ocorre com a agressividade. Para que ela ocorra são necessários fatores que a motivem – situações e meios que facilitem o surgimento do comportamento agressivo – e rompam a barreira da inibição sobre tais fatos. Se houver a ruptura da barreira dos hábitos inibitórios, certamente aflorará o ato agressivo, entretanto, esta não é uma regra que o mesmo ocorra sempre, pode ser refreado. Entretanto, na maioria das vezes, faz-se necessário que a instigação supere a barreira inibitória a fim de que o ato agressivo aconteça. Embora a maior parte dos teóricos concorde que fatores como instigação, inibição, estímulo e respostas competitivas são condições básicas para a existência da agressividade, os mesmos discordam quanto a importância deles. A fim de entender a agressividade na escola, principalmente nas aulas de educação física, onde competitividade e instigação atos constantes é que esta pesquisa de caráter bibliográfico foi realizada. Estudo este que se justifica pela busca de estratégias para melhorias no campo educacional, sobretudo na área

¹ Aluna do 6º Semestre do Curso de Educação Física da Faculdade EDUVALE.

² Professor do Curso de Educação Física da Faculdade EDUVALE; Especialista em Educação do Campo e Sustentabilidade pelo IFMT – Instituto Federal de Mato Grosso; Graduado em Letras pela FEF- Fundação Educacional de Fernandópolis. E-mail: jacerprof@gmail.com.

estudada, buscando alternativas para a criação de mecanismos de cooperação e competitividade saudável, anulando, ou minimizando os atos agressivos. Embora esta agressividade esteja presente na grande maioria dos atos e dos atores do processo de ensino-aprendizagem, na maioria das vezes não é vista como tal e quando é vista, analisa-se como se fosse transitória e sem maiores relevâncias aos indivíduos envolvidos. Portanto, caracterizá-la no ambiente escolar, e mais especificamente no ensino fundamental, é uma tarefa urgente e importante, porém complexa.

Palavras-chave: Agressividade. Educação Física. Comportamento

ABSTRACT

The aggressiveness regarding child behavior is a constant that has worried parents and education professionals who work in elementary school. Jerks, kicks and physical or verbal aggressions (shouting, cursing, loud talking are seen as increasing day by day in the reality of children.) Numerous are the factors that lead to such acts and, thanks to such innumerable theories have arisen about them, as this is a human behavioral form and, as such, is born of common factors that can - and should - be considered and analyzed in order to explain their emergence, as well as aggressiveness. necessary factors that motivate it - situations and means that facilitate the emergence of aggressive behavior - and break the barrier of inhibition on such facts. If there is a rupture of the barrier of inhibitory habits, certainly the aggressive act will appear, however, this is not a rule that the same thing always happens, can be restrained. However, in the majority of cases, it is necessary that the instigation surpasses the inhibitory barrier so that the aggressive act Although most theorists agree that factors such as instigation, inhibition, stimulation, and competitive responses are basic conditions for the existence of aggressiveness, they disagree as to their importance. In order to understand the aggressiveness in school, especially in physical education classes, where competitiveness and instigation constant acts is that this bibliographic research was conducted. This study is justified by the search for strategies for improvement in the educational field, especially in the area studied, seeking alternatives for the creation of mechanisms of cooperation and healthy competitiveness, nullifying or minimizing aggressive acts. Although this aggressiveness is present in most of the acts and actors of the teaching-learning process, most of the times it is not seen as such and when viewed, it is analyzed as if

it were transient and without major relevance to the individuals involved. Therefore, characterizing it in the school environment, and more specifically in elementary education, is an urgent and important but complex task.

Keywords: Aggressiveness. Physical Education. Behavior

INTRODUÇÃO

Atualmente, vive-se uma escalada de agressividade nas escolas, de forma geral, e com a educação física não é diferente. A diversidade encontrada nas escolas é tamanha, a ponto de colidirem-se diferentes crenças e vivências. Existe uma gama de informações e habilidades provindas de diferentes fontes e que, muitas vezes passa despercebida dos olhos dos educadores, apenas travestida por “brincadeiras de mau gosto”. Cada vez maiores são as dificuldades que a escola tem sofrido em seu dia-a-dia devido a esses atos, o que tem preocupado pais e educadores.

Tais atos são oriundos de vários fatores, podendo citar, dentre eles, problemas econômicos, familiares, sociais e financeiros. A realidade heterogênea de uma sala de aula, contudo faz com que essas diferentes vidas se choquem, criando o clima atualmente vivenciado. Mas qual seria o papel da escola e do educador físico nesse contexto?

Primeiramente, deve-se lembrar que é papel de todo o educador buscar estratégias de reflexão e sensibilização para a contenção da violência e outros males que atingem a comunidade escolar e a educação física, principalmente tem muito a contribuir contra todas as formas de violência vivenciadas nas escolas, servindo como mediadora de conflitos que atingem tanto alunos, quanto pais, professores, funcionários da escola e a comunidade de um modo geral.

Temos a responsabilidade, enquanto educadores, de encontrar maneiras de impedir as agressões no contexto escolar, sejam elas físicas e/ou verbais, maneiras essas que não devem trazer normas de condutas pura e simplesmente, mas sim a criação de uma consciência nova, quanto aos direitos e deveres do educando. Segundo Verderi (2002):

Interpretar e compreender as manifestações emocionais e corporais de nossos alunos como um ser participativo de uma sociedade, suas atitudes, relações interpessoais; um ser contextualizado, que transforma e é transformado pelo seu ambiente, faz parte de nossos princípios educacionais. (VERDERI, 2002, p. 40)

Sendo assim, é necessário despertar no aluno a sua sensibilidade, de acordo com sua personalidade, a fim de perceber-se como agente transformador social, independentemente das diferenças de seus pares, colocando assim o mesmo como influente e influenciável no contexto em que vive.

Com isso, pode-se compreender que as aulas de educação física desempenham um importante papel nessa questão, estimulando momentos de reflexão, estimulando os alunos a pensarem e repensarem suas atitudes de maneira geral, modificando, assim, atitudes de valores dos educandos. Desta forma estará contribuindo para a formação de um sujeito crítico, emancipado e autônomo que seja capaz de adotar atitudes de respeito, solidariedade, cooperação e responsabilidade social.

METODOLOGIA

O artigo em questão será realizado de maneira bibliográfica e quantitativa, ou seja, realizando análises dentro do contexto, cruzando-os com diferentes textos, de diferentes autores.

Como procedimentos metodológicos fizemos um estudo bibliográfico de vários autores, dentre quais podemos Brotto, Abramovay e Rua, Verderi e Tiba, que apontam os pontos de violência no cotidiano escolar, bem como suas alternativas de melhorias através da cooperação.

Pontes (2005) defende que a pesquisa bibliográfica tem objetivo aprofundar o conhecimento acerca do objeto de estudo, sendo assim, essa pesquisa tem por objetivo trazer à nossa realidade a discussão acerca da violência no cotidiano

escolar e suas implicações para com o aprendizado que o educando levará por toda a sua vida.

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Apesar da violência ter aumentado em todos os setores sociais, é na escola que os índices se tornam alarmantes, desde a zoeira, como é frequentemente chamada as atitudes agressivas de forma verbal por parte dos alunos, de maneira dita “mais leve” aos casos de violência extrema como agressões físicas, terminando, muitas vezes com graves ferimentos ou mortes.

A escola é uma instituição social e, portanto, sofre os reflexos dos fatores desencadeados na mesma. Existem alunos que passam por dificuldades financeiras, trabalhando desde muito cedo, outras conhecem drogas, sexo, bebida e cigarros desde a mais tenra idade, ainda há aqueles que sofrem ou sofreram violência física ou sexual por parte de familiares e essas crianças vão à escola conhecendo essa parte obscura social e, por isso, na maioria das vezes, acabam por desrespeitar os professores e colegas de sala. Além disso, devido aos fatores acima citados, acaba tendo o seu aprendizado completamente comprometido.

As diversas faces em que se manifesta a violência na escola acaba por confundir seu real significado, a mesma é vista de diferentes formas ao longo da história. Segundo Laterman (2000), “o significado de violência tem variado não só em função do contexto a que se aplica, como também das normas morais, éticas e da própria história e da cultura da sociedade”, ou seja, muitas vezes o contexto histórico define o que é violência ou não em determinado período da história.

Abramovay e Rua (2003), por sua vez definem violência como sendo “toda ação que impede ou dificulta o desenvolvimento, na qual a pessoa fica limitada em sua liberdade”. Citam que Chesnais classifica a violência em vários tipos: violência física (causando danos à vida do indivíduo) violência econômica (danos ao patrimônio); à propriedade (vandalismo) e moral (xingamentos, atos que buscam inibir o indivíduo).

Charlot, citada por Abramovay e Rua, ainda amplia o conceito de violência escolar, classificando-a em três níveis:

[...] este classificou a violência na escola em três níveis: a violência -golpes, deferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo; a incivildades- humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; a violência simbólica ou institucional – falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer que obriga o jovem a prender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos; a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos. (CHARLOT, 1997 apud ABRAMOVAY, 2003, p. 95).

Sendo assim, a gama da classificação acerca do que seja realmente a violência torna-se muito ampla e, conseqüentemente, difícil de ser identificada até que chegue a extremos, como os casos de violência física e/ou atos de vandalismo. Ou mesmo, pode-se citar, casos em que as agressões verbais atinjam índices alarmantes a ponto de culminar em atos mais violentos como coação, violência sexual ou mesmo morte.

Como percebe-se vários são os fatores que influenciam na violência em sala de aula, somados ainda à falta de limites que, em grande parte dos casos, o educando traz como bagagem de vivências de seu lar.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA CONTENÇÃO VIOLÊNCIA

Como já fora descrito, a escola atual torna-se palco de manifestações violentas e as aulas de educação física não são exceção.

Ademais, fatores como a competitividade exagerada em jogos coletivos ou atividades desportivas servem, muitas vezes, de base para aflorar os comportamentos agressivos. Não é de hoje que as quadras escolares são palco

brigas e discussões que, grande parte das vezes, terminam em violência física dentro e fora dos portões da escola.

Mesmo os alunos mais tímidos e introspectos, por vezes, tornam-se violentos e agressivos diante da competitividade nas aulas de educação física. Segundo Laterman (2000):

O individualismo exacerbado dificulta as negociações de convivência social no dia a dia, fazendo com que os sujeitos sociais não ponderem as necessidades e desejos particulares em relação às necessidades do espaço público (LATERMAN, 2000).

O espaço escolar, deve antes de tudo buscar alternativas de superação da violência, alternativas têm sido criadas a fim de evitar o individualismo, uma vez que há casos em que para o aluno importa apenas a vitória, o troféu a ser levantado. Sendo a escola um reflexo da sociedade, o ato de se consolidar vencedor e forte sobrepõe-se a atos de generosidade. De acordo com Amaral (2004):

Os jogos cooperativos apresentam-se como uma boa estratégia para a superação de conflitos associados ao fenômeno bullying. "O jogo cooperativo busca aproveitar as condições, capacidades, qualidades ou habilidades de cada indivíduo, aplicá-las em um grupo e tentar atingir um objetivo comum" (AMARAL, 2004, p.13).

A cooperação dentro do desporto, quando corretamente estimulada tende a mudar esse quadro, os jogos individualistas aumentam consideravelmente a competitividade e agressão dentro do cotidiano, ao passo que os jogos cooperativos tendem a buscar novos meios de enxergar o cotidiano escolar, onde todos saem vencendo, sem que haja sobreposição de um ou outro em detrimento do coletivo.

CONCLUSÃO

A sociedade como um todo perde quando atos desencadeadores de violência ocorrem no meio escolar. Quando nada é feito cria-se uma juventude transviada que age sem pensar nas consequências e sem se preocupar com os demais.

Fatores como a corrupção, o vandalismo e danos ao patrimônio público acentuar-se-ão quando a sociedade fecha os olhos. Sociedade, esta, que tem sua representatividade na escola, no que tange à criação de modelos sociais e o professor de educação física tem papel fundamental na inibição deste modelo violento.

Ao deixar o individualismo de lado e exercitar a cooperação entre os alunos uma mudança florescerá no meio escolar.

A cooperação estimula a generosidade, o coletivo e todos saem ganhando. Não há adversários, as crianças têm um objetivo comum e cada uma enxerga a importância da outra para que tal objetivo ocorra, ou seja é totalmente o oposto dos jogos competitivos, que não devem ser banidos, mas equilibrados de forma igualitária com os jogos de cooperação.

Sabe-se que apenas jogos, sendo cooperativos ou competitivos, não mudarão por completo a sociedade, porém, os alunos atem-se com especial prazer às aulas de educação física e aos jogos, portanto o apoio do profissional de educação física, estimulando práticas desportivas cooperativas que gerem alunos parceiros entre si já é o princípio de uma sociedade justa e igualitária, onde a violência, mesmo que não seja extinguida, ao menos será controlada.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ALONSO, M.; QUELUZ, A.O **trabalho docente: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1999.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, Valter. **Pesquisa em ação: educação física na escola**. 2. Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física** (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1993.

DARIDO, Suraya Cristina. RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DCE- **Diretrizes Curriculares de Educação Física para a Educação Básica**, Curitiba, SEED, 2007.

DIAS, Kátia Pereira. **Educação Física X Violência**. Editora Sprint, 1996. 112 p.

GHIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista**. São Paulo, SP: Loyola, 1988.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. In SANCRISTÁN, J. Gimeno & GÓMEZ, A. I. Pérez. Compreender e transformar o ensino. 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 13-25 e 67-91 (Coleção Ciências e Educação).

GRÜNSPUN, I. **Distúrbios Neuróticos da criança**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático- pedagógica do esporte**. 6.Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

LATERMAN, Ilana; **Violência e incivilidade na Escola: nem vítimas, nem culpados**. Ed. Livraria e Editora Obras Jurídicas Ltda, Florianópolis, SC, 2000.

LIPPELT, Ricardo Tucci. **Violência nas aulas de educação física: estudo comparado entre duas escolas da rede pública do Distrito Federal**. Brasília: Dissertação de Mestrado da Universidade Católica de Brasília, 2004. 74 p. Disponível em <http://www.bdt.d.uceb.br/tese/tdebusca/arquivo.php?codarquivo:155>. Acessado em outubro de 2017.

MACEDO, P. **Um estudo psicológico da agressividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986

PICCOLO, Vilma L. Nista. **Educação Física escolar: ser...ou não ter?** 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PONTES, Benedito Rodrigues. **Avaliação de desempenho: nova abordagem**. São Paulo: LTr, 2005.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES. São Paulo, v.20, p. 188-190, set. 2006. Suplemento n. 5.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 10ª ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1991.

SHIGUNOV, Victor; VANILDO, Rodrigues Pereira. **Pedagogia da Educação Física**. São Paulo: Editora Ibrasa, 1993. 134 p.

SPOSITO, M.P. **A Instituição escolar e a violência**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 104, p. 58-75, 1998.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996. 240

VERDERI, Érica beatriz Lemes Pimentel. **Encantando a Educação Física**. Rio de Janeiro: 2ª edição: Sprint, 2002.